



TRABALHO DE REDAÇÃO – 1º TRIMESTRE

Nome: _____ n°: _____ Ano: 1ºA E.M.

Data: 04 / 04 / 2019 Professor: Valor: 5,0 Nota: _____

Problemas de comunicação: os entraves da língua

Há situações em que a dificuldade de comunicação é tamanha que surge a questão: “Será que estamos falando a mesma língua?!”

Famigerado

Uma característica de todas as línguas do mundo é que elas não são uniformes, isto é, não são faladas da mesma forma por todos os seus usuários.

O texto abaixo é de Guimarães Rosa, autor de um estilo absolutamente original na literatura brasileira. Sua escrita combina o linguajar popular regional com termos novos e faz uma mistura de prosa e poesia.

Foi de incerta feita – o evento. Quem pode esperar coisa tão sem pés nem cabeça? Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranquilo. Parou-se à porta o tropel. Cheguei à janela.

Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta, equiparado, exato; e, embolados, de banda, três homens a cavalo. Tudo, num relance, insolitíssimo. Tomei-me nos nervos. O cavaleiro esse – o oh-homem-oh – com cara de nenhum amigo. Sei o que é influência de fisionomia. Saíra e viera, aquele homem, para morrer em guerra. Saudou-me seco, curto pesadamente. Seu cavalo era alto, um alazão; bem arreado, ferrado, suado. E concebi grande dúvida.

Nenhum se apeava. Os outros, tristes três, mal me haviam olhado, nem olhassem para nada. Semelhavam a gente receosa, tropa desbaratada, sopitados, constrangidos – coagidos, sim. Isso por isso, que o cavaleiro solerte tinha o ar de regê-los: a meio-gesto, desprezivo, intimara-os de pegarem o lunar onde agora se encostavam (...) Os três seriam seus prisioneiros, não seus sequazes. Aquele homem, para proceder da forma, só podia ser um brabo sertanejo, jagunço até na espuma do bofe. Senti que não me ficava útil dar cara amena, mostras de temeroso. Eu não tinha arma ao alcance. Tivesse, também, não adiantava. Com um pingão no i, ele me dissolvia. O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo. O medo O. O medo me miava. Convidei-o a desmontar, a entrar.

Disse de não, conquanto os costumes. Conservava-se de chapéu. Via-se que passara a descansar na sela – decerto relaxava o corpo para dar-se mais à ingente tarefa de pensar. Perguntei: respondeu-me que não estava doente, nem vindo à receita ou consulta. Sua voz se espaçava, querendo-se calma; a fala de gente de mais longe, talvez são-franciscano. Sei desse tipo de valentão que nada alardeia, sem farroma. Mas avessado, estranhão, perverso brusco, podendo desfechar com algo, de repente, por um és-não-és. Muito de macio, mentalmente, comecei a me organizar. Ele falou:

- “Eu vim perguntar a vosmecê uma opinião sua explicada...”

Carregara a celha. Causava outra inquietude, sua farrusca, a catadura de canibal. Desfranziu-se, porém, quase que sorriu. Daí, desceu do cavalo; maneiro, imprevisto. (...) Sua máxima violência podia ser para cada momento. Tivesse aceitado de entrar e um café, calmava-me. Assim, porém, banda de fora, sem a-graças de hóspede nem surdez de paredes, tinha para um se inquietar, sem medida e sem certeza.

- “Vosmecê é que não me conhece. Damázio, dos Siqueiras... Estou vindo da Serra...”

Sobressalto. Damázio, quem dele não ouvira? O feroz de estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortes, homem perigosíssimo. Constando também se verdade, que de para uns anos ele se serenara – evitava o de evitar. Fie-se, porém, quem, em tais tréguas de pantera? Ali, antenasal, de mim a palmo! Continuava:



- “Saiba vosmecê que, na Serra, por o ultimamente, se compareceu que um moço do Governo, rapaz meio estrondoso... Saiba que estou com ele à revelia... Cá eu não quero questão com o governo, não estou com saúde nem idade... O rapaz, muitos acham que ele é de seu tanto esmiolado...”

Com arranco, calou-se. Como arrependido de ter começado assim, de evidente. (...). Encarar, não me encarava, só se fito à meia esguelha. Latejava-lhe um orgulho indeciso. Redigiu seu monólogo.

O que frouxo falava: de outras, diversas pessoas e coisas, da Serra, do São ão, travados assuntos, insequentes, como, dificuldade. A conversa era para teias de aranha. (...) E pá:

- “Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: *fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... famílias-gerado...?*”

Disse, de golpe, trazia entre dentes aquela frase. Soara com riso seco. Mas, o gesto, que se seguiu, imperava-se de toda a rudez primitiva, de sua presença dilatada. Detinha minha resposta, não queria que eu a desse de imediato. E já aí outro susto vertiginoso suspendia-me: alguém podia ter feito intriga, invencionice de atribuir-me a palavra de ofensa àquele homem; que muito, pois, que aqui ele se famanasse, vindo para exigir-me, rosto a rosto, a vexatória satisfação?

- “Saiba vosmecê que saí ind’hoje da Serra, que vim sem parar, essas seis léguas, expresso direto pra mor de lhe perguntar a pergunta, pelo claro...”

Se sério, se era. Transiuse-me.

- “Lá, e por estes meios de caminho, tem nenhum ninguém ciente, nem tem o legítimo – o livro que aprende as palavras... É gente pra informação torta, por se fingirem de menos ignorâncias... Só se o padre, no São ão, capaz, mas com padres não me dou: eles logo engambelam... A bem. Agora, se me faz mercê, vosmecê me fale, no pau da peroba, no aperfeiçoado: o que é que é, o que já lhe perguntei?”

Se simples. Se digo. Transfoi-se-me. Esses trizes:

- *Famigerado?*

- “Sim senhor...” – e, alto, repetiu, vezes, o termo, enfim nos vermelhões da raiva, sua voz fora de foco. E já me olhava, interpelador, intimativo – apertava-me. Tinha eu que descobrir a cara. - *Famigerado?* Habitei preâmbulos. Bem que eu me careci noutra ínterim, em indúcias. Como por socorro, espiei os três outros, em seus cavalos, intugidos até então, mumumudos. Mas, Damázio:

- “Vosmecê declare. Estes aí são de nada não; São da Serra. Só vieram comigo, pra testemunho...”

Só tinha de desentalar-me. O homem queria estrito o caroço: o verivérbio.

- *Famigerado* é inóxico, é “célebre”, “notório”, “notável”...

- “Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mas me diga: É desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?”

- Vilta nenhuma, nenhum doesto. São expressões neutras, de outros usos...

- “Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana?”

- *Famigerado?* Bem. É: “importante”, que merece louvor, respeito...

- “Vosmecê agarante, pra a paz das mães, mão na Escritura?”

Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que o diabo, então eu sincero disse:

- Olhe: eu, como o senhor me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado – bem famigerado, o mais que pudesse!...

- “Ah, bem!...” – soltou exultante.

Saltando na sela, ele se levantou de molas. Subiu em si, desagravava-se, num desafogaréu. Sorriu-se, outro. Satisfez aqueles três:

- “Vocês podem ir, compadres. Vocês escutaram bem a boa descrição... “ – e eles prestes se partiram. Só aí se chegou, beirando-me a janela, aceitava um copo d’água. Disse: - “Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída!” Seja que de novo, por um mero, se torrava? Disse: - “Sei lá, às vezes o melhor mesmo, pra esse moço do Governo, era ir-se embora, sei não... “Mas mais sorriu, apagara-se-lhe a inquietação. Disse: - “A gente tem cada cisma de dúvida boba, dessas desconfiças... Só pra azedar a mandioca... “Agradeceu, quis me apertar a mão. Outra vez, aceitaria de entrar em minha casa. Oh, pois. Esporou, foi-se, o alazão, não pensava no que o trouxera, tese para alto rir, e mais, o famoso assunto.



TRABALHO DE REDAÇÃO – 1º TRIMESTRE

Nome: _____ nº: _____ Ano: 1ºA E.M.

Data: 04 / 04 / 2018 Professor: _____ Valor: 5,0 Nota: _____

Interpretação de texto (2,5)

1- Assinale a alternativa que apresenta a conclusão a que se pode chegar após a leitura do texto:

- a- () É uma narrativa cheia de ação que fala de um jagunço perigoso.
- b- () É uma narrativa que tem como tema principal o medo.
- c- () É uma narrativa em que uma decisão de vida ou morte depende do significado de uma palavra.
- d- () O texto é uma crítica à língua portuguesa, mostrando que ela é muito difícil.

2- Preencha o quadro com os elementos pedidos:

Narrador - _____

Personagens - _____

Espaço em que se passa a ação- _____

Tempo em que se situa o episódio - _____

3- O narrador é um farmacêutico ou médico. Que trecho do texto lido nos leva a essa conclusão?

4- O narrador, ao ver a “cara de nenhum amigo” do cavaleiro que se apresentava à sua porta, sente-se mais e mais seguro, ignorando a razão daquela visita. Com que frase ele se revela absolutamente tomado pelo medo?

5- O narrador interpreta a fala espaçada do cavaleiro, que tentava parecer calmo, como atitude de valentão que não se gaba da própria valentia, mas que a qualquer momento pode explodir em violência.

Conhecendo o desfecho da história, essa seria a única justificativa do comportamento de Damázio? Supondo que a história fosse contada do ponto de vista de Damázio, escreva um parágrafo descrevendo o que ele sentia no momento de explicar a razão de sua ida ao arraial.

6- Na fala de Damázio ao tentar explicar o porquê da sua ida ao arraial, o autor usa muitas reticências. Esse recurso serve para mostrar:

- a- () o tom ameaçador do valentão.
- b- () a dificuldade de Damázio para colocar em palavras suas ideias.
- c- () a insegurança do jagunço de se expor numa tal situação.





7- O jagunço diz que ninguém tem “o legítimo – o livro que aprende as palavras”. A que livro ele estaria se referindo?

8- Quando consegue “desentalar-se”, o narrador explica: “- *Famigerado é inóxico, é ‘célebre’, ‘notório’, ‘notável’...*” (*inóxico* = inofensivo) E continua: “- *Vilta nenhuma, nenhum doesto*”. (*vilta* = palavra para insultar alguém; *doesto* = insulto) O jagunço tinha condição de entender essa explicação? Você entenderia?

9- O que, para Damázio, tinha valor tão alto quanto a valentia?

10- O texto termina com a expressão “o famoso assunto”. Que palavra poderia substituir “*famoso*” nesse trecho?

Produção de texto (2,5)

Pense sobre as questões propostas a seguir. Anote as conclusões.

1- O repertório de palavras conhecidas por uma pessoa pode revelar seu grau de leitura e de domínio da língua. Você concorda com essa afirmação? Por quê?

2- Você acha que a maneira como uma pessoa se expressa pode levar seu interlocutor a fazer uma avaliação particular dela? Explique.

3- Por que, segundo a personagem Damázio do texto lido, uma linguagem mais fácil de entender seria “fala de pobre”?

4- Você se considera um bom usuário da língua portuguesa? Por quê?

5- A escola deve privilegiar o trabalho com a linguagem culta ou com a coloquial? Por quê?

6- Textos científicos, técnicos, informativos podem ser escritos em linguagem coloquial? Por quê?

7- Com base em suas anotações, complete o esquema proposto a seguir, mostrando qual é, na sua opinião, a relação que deve haver entre ensino da língua portuguesa.

O ensino da língua portuguesa nas escolas deveria _____

_____, uma vez que _____

Os maiores problemas que eu enfrento como usuário da língua portuguesa são: _____





Esses problemas prejudicam minha vida porque _____

Acredito que a melhor forma de tentar sanar essas dificuldades é _____

8- Pesquise no dicionário algumas palavras cujos significados sejam pouco conhecidos. Empregando essas palavras, crie uma narrativa em que ocorra uma dificuldade de comunicação e, se possível, alguma situação cômica. Siga as orientações:

- ✚ Faça um rascunho, no caderno de redação, antes de escrever a versão definitiva.
- ✚ Empregue diálogos. Nos diálogos, use reticências nas frases que expressarem um pensamento incompleto.
- ✚ Use, se quiser, neologismos criados por você.
- ✚ Empregue as palavras que você pesquisou no dicionário cujos significados são poucos conhecidos. **Grife (destaque) essas palavras no texto.**
- ✚ Seu texto deve ter de 15 a 25 linhas.
- ✚ Passe o texto a limpo, à tinta, sem rasuras em folha de bloco.

